

a surpreendente ÉTICA DA XILO

(AO PROFESSOR DOUTOR ABEL SALAZAR)

por Severo Portela

Participa simultaneamente de um outrora mais que muito arredo e de um momentanismo deveras sedicioso a gravura de madeira, vulgarizada por excelência própria sob o nome de xilo. O primeiro homem possesso e ardoroso de instinto plástico e estético que entalhou o quer que fosse na epiderme corrugosa ou lisa de uma árvore tornou-se amorosissimamente o primeiro técnico da especialidade. A vertigem da ideia ou a cegueira da emoção, descendo dos cérebros ou ascendendo dos corações, sollicitam e exoram ao pulso para as fixar sob uma rajada ou sob uma monção de claridade intuspectiva. Postara-se diante do cortex vegetal que um estilete, ou um gume, haviam de vulnerar. Os dedos consumaram ora o talhe, ora a punção, umas vezes com maclura, vezes outras com rigidez e era de vêr, perfil de mulher, atributo de lavoeira, remígia de abutre, conto de lança como a madeira inerte e dócil se rendia à volúpia em que alguém a ilaqueava. Pouco importa esmerilhar através das idades cinerárias se foi a careomida civilização hindú como maravilhoso teratológico em que a existência brutal se irrealiza ante Raugi e Vichnu e Vraciti ou se foi o hieratismo dos prerafaellitas a incitar pelo linho e pelo pergaminho das laudas coevas ou postremeiras as florações exóticas de Duados, de Magalona, de Aldas e de Oliveiros. Interessa-nos, sim, repararmos que uma vez êsses debuxos, incisos até à seiva do cerne que sorridente se prostituiu para o orgasmo magnífico que reproduzia a dinâmica fisiológica ou a dinâmica psíquica, poderam ser prodigalizados por milhares. Um farrapo de tecido sêco ou uma tira de pele curtida, se é que não já até o papel llvresco, premindo a superfície inteira por uma palmada veemente, enquanto o prelo val invencionar-se, e admirareis logo após, dissolto, o mistério dominante e singular da xilo. A árvore, o homem, a seiva, a vida, metempsicose plástica, transfiguração estética. O sangue vegetal que ainda umectava o relevo da composição, ferida sublime, trasladarase com seu positivo e seu negativo, esclarecendo o acaso, sempre eterno fautor de prodígios, a descoberta que havia de interessar sensibilidades, gestando arte subsidiária talvez, mas arte que indelével requinta.

Tanto encaro na xilo imagens que se anquilosam no pretérito das coisas defuntas, arqueologia de sentidos, protohistória de episódios, como um ineditismo que desvaira, uma fragrância que surge, uma momentaneidade que decide. A dinâmica da xilo vale-se da acção directa, isto é, tanto monta que o tema ou que o assunto promane do selo ou da fronte, sempre o efectiva, maravilha inteligente de mística, a energia que revoluciona para edificar e para resolver. O próprio escôrço, o provável esbôço não altera a conexão

perfeita que se entrava desde quaisquer das sédes fecundadoras e os dedos que, alfim, lhe imprimem o estilo ou o carácter. A xilo possui-se mais, portanto, que a estatuária através do ponteador ou do formador, que a pintura mediante o modêlo ou o manequim, até que a própria água-forte por intermédio dos decalques mecânicos, do frémito humano, essa eternidade gloriosa da matéria. Desvenda carácter, surpreende doutrina, teoriza compleições. Toda a sobreexcitação que nos predispõe, apenas ela a poderia sintetizar, seja mediante a figura, seja mediante o símbolo. Eça de Queiroz referia, em dado e certo lance, uma literatura sofregamente lida, nervosamente felheada ao tumultuar clamoroso pelas ruas e pelas praças, quando

já as lâmpadas de iluminação em estilhas haviam esvoaçado. A existência contemporânea omnimoda em moral ou sem ela, versátil como uma roleta e aos torcéculos como um piteireiro, cadeia de torpezas nefarias e parapetto de heroísmos santificados, todos os ideais e todas as protérvias, sonho de uma noite de luaceiro e charco tépido de postêmas e de carpelas, só a gravura de madeira no-la, de dar, é susceptível. Exprime, sublinha, comenta, tanto pode ser epigrama como pode ser apologia, ventrilizando-se em réptil sobre a leiva conspurcada e fendendo a prumo o espaço como o falcão para apunhalar a presa, resarcir vilipêndios ou desferrar iniquidades, polarização imanente da amargura que subverte e da felicidade que resgata.



Escritor SEVERO PORTELA
Xilo de Jaime de Oliveira—de Ilhavo